

# AZEVEDO COUTINHO



Dizem os realejos do governo que o acto praticado por Azevedo Coutinho, é um acto de rebellião e de indisciplina, que pede urgentemente conselho de guerra.

Mas apregoam flautins e zabumbas da opposição não só progressista, porto franquista, esquerda-dynastical, mas até republicana, que esse acto é só proprio de heroes, e que Azevedo Coutinho bem merece que a patria o enalteça e estatuas lhe alevantem.

Francamente, os *Pontos nos ii* não sabem que opinião ter n'este momento, nem dizer se o seu retrato é *heroe*, ou *rebelde*. E isto pela excellente razão de que os *Pontos nos ii* sabem tanto do que se está passando em Africa, como sabem as gazetas, ou sejam governamentaes ou opposicionistas — que não sabem nada!

Em todo o caso, heroe ou rebelde, Azevedo Coutinho é digno da nossa sympathia e da nossa admiração. N'um paiz em que se pensava que toda a gente era amanuense ou pelo menos conselheiro d'Estado—é grato registrar o apparecimento d'um homem que expõe o peito ás balas, apenas movido por sentimentos do mais puro patriotismo.

N'estes tempos egoistas e peiñtras, n'estes tempos do Terreiro do Paço e S. Bento--apparecer um homem que se bate pelo farrapo azul e branco, não é de todo mau.

Saudemol-o!...

## AS REFORMAS DO ENSINO

Senhor!

Por uma graciosidade especial dos funcionarios a quem V. M. houve por bem encommendar a organisação interna do ministerio d'instrucção publica e bellas-artes, pude percorrer esta manhã os cadernos de planos, os relatorios e as minutas dos projectos de lei, onde aquelles illustres homens teem preparada a grande obra da futura educação da mocidade, com uma largura de vistas que me espanta, attento o facto de Suas Ex.<sup>as</sup> não terem senão dois olhos, e esses mesmos optalmicos, e piscos. Senhor, eu estou contente!

Desde que desfructo razão, é este ministerio a primeira coisa assombrosamente perfeita, que me é dado admirar no meu paiz. Como chegaram a construir tão sabios projectos, homens que nem lêr sabem?

Eis o que nunca me poderei explicar nitidamente. Entretanto, como é sina da natureza humana o sempre haver quem ponha pécha ás concepções mais impeccaveis, aqui lhe venho accusar, meu senhor, uma lacuna reconhecida por mim, nos planos do novo ministerio, para que V. M. a preencha, conforme os seus desejos de glória, e espirito magnanimo que sempre tem mostrado, no respeitante á felicidade dos seus subditos.

Meu Senhor, nas reformas d'ensino planeadas pelo sr. ministro d'instrucção publica, falta a mais util. Entre as escolas praticas a crear, esqueceu S. Ex.<sup>a</sup> a mais indispensavel—Falta no orçamento da instrucção publica, verba costeadora d'uma escola de roubo; falta nos cadernos do novo ministerio, o projecto de uma escola pratica d'assassinato. Para as restantes profissões liberaes, está tudo. Ha professores que ensinam a fazer queijos, a montar a cavallo, a bordar a missanga, e a observar olhos doentes. Ha para pintura, para cutillaria, para rendas a bilros, e para partos. A todos os ramos da acção humana, o Estado vae dando guias, *ateliers*, e matriculas baratas. O ensino methodico e scientifico desceu até á aprendizagem dos carpinteiros e dos fabricantes de sapatos de liga. Ha bacharelatos para tudo; só o governo de V. M. deixa o ladrão desamparado, e o assassino ignorante e á mercê da sua propria inspiração.

Porque semelhante desdem por vocações que são afinal as dominantés, no gloriosissimo reinado de V. M.? Não é do larapio que as monarchias saccam o pessoal que lhes dá lustro? Não é do faccinora que sae o melhor do drama humano?

Oh meu senhor, pondere bem! A escola de S. Bento, unica do paiz onde um rapaz de habilidade aprende a apropriar-se do alheio, mau grado os quotidianos reclames da opposição, ainda assim não passa

d'uma velha instituição sem solidez. E' a academia dos estudos livres da rapinancia, de que o Limoeiro é afinal dependencia—em estudos presos. Não admite discipulos, e o que lá existe, ou são serventes, ou são cathedaticos, Do gatuno de meia tinta, niclesi Por consequencia não tem o paiz a lucrar coisa alguma com tal escola.



Considere-se agora a sciencia industrial do (como diriam os fadistas) enpandeiramento. V. M. já reparou que da estatistica criminal dos ultimos dez annos, não sahe um assassinato a que dizer, benza-te Deus! A cirurgia da naifa, tão portugueza e florente outr'ora, nos faustissimos annos em que reinou o pae de V. M., está circumscripta hoje a uma reles esgrima de canivete d'aparar unhas, de que até se riem as horisontaes da rua dos Alamos.

Parece incrível, mas não ha hoje em Lisboa quem saiba marear um gsjo limpamente. Os fadistas não cumprem, e a sorte da navalha em Portugal, está sendo como a sorte da espada nos, toiros—um fingimento.

Ora, o meu rei não ha de vêr sem desgosto irem assim decahindo as artes nacionaes. Razão porque lhe peço audiencia, a vêr se levantamos o nivel profissional do assassino e do gatuno. V. M. gosta de toiros, e com delicia o tenho visto applaudir os passes dos toureiros.

Seu augusto mano, o sr. infante, péla-se positivamente por incendios, e a todos corre, com os seus camaradas da bomba, com um salero, que por mais d'uma vez lhe tem valido o honrosissimo epitheto de... Ramon. Venham ambos tambem um pouco á Mouraria: se vissem furar uma barriga á naifa, haviam de gostar. E' pandegol! Os principes em geral gostam de sangue, mesmo quando alimentados a pão com manteiga; e o publico não levaria a mal que V. V. A. A. ensopassem os lenços, para mostrar lá em casa, aos leõesinhos.

Por tanto faça V. M. annexar ao Ministerio d'Instrucção Publica, copia de peritos e entendidos na materia, e laborem todos o projecto d'uma faculdade que prepare o assassino e o ladrão do futuro, fornindo-o d'um basto tirocinio experimental dando-lhe uma erudição pratica e lavada d'empirismos, em termos de chegar a todos, o receituario té'agora havido só como segredo da fortuna d'alguns. Porquanto, se a politica portugueza entra de vez, como suspeito, n'uma senda d'escamoteações ininterrupta, forçoso se faz que as escolas criem pessoal n'esse sentido, não cuide o mundo que desmerecemos da civilisação—por falta de canalhas.

IRKAN.



### A ENTRADA DO CONVENTO (de S. Bento)

«Fragmento do quadro de Zamacois»

## DISCIPLINA

(A Azevedo Coutinho)

Tu, que andas lá no deserto,  
Vivendo vida mofina,  
Não podes saber decerto  
Como este governo ensina  
Ao póvinho cá de perto  
O que é disciplina

Ora então, mancebo, escuta  
Co'a mais profunda atenção,  
E apoz escutar's, matuta  
N'esta curta allocução,  
P'ra te guiar's na conducta  
D'honesto varão.

Se um sujeito—ou mais sujeitos—  
De valente genio ousado  
Põe o seu peito—ou seus peitos—  
Em nobre feito arriscado,  
E' p'ra todos os effeitos,  
—Indisciplinado!

Se ás tareias do normando  
Qualquer offrece o costado,  
Sorrindo de quando em quando,  
Dizendo—muito obrigado!  
E' cidadão venerando  
—E disciplinado!

Mas, se o sujeito reponta  
Contra o bruto asselvajado  
E lhe arruma a sua conta  
De pontapés do outro lado,  
O governo logo o aponta  
—De indisciplinado.

Qualquer sabujo indecente.  
De eleições a tricas dado,  
Que sirva com toda a gente,  
Emquanto corra ordenado,  
Tem logo fama—é corrente!—  
—De disciplinado!

Se um guerreiro, de olhar fero  
Mas coração bem formado,  
Bate o pé, grita—não querol!  
Contra estrangeiro attentado,  
E', p'ra a nobreza e p'ra o clero,  
—Indisciplinado!

Mas se um outro, moll' qual tripa,  
Fraco, vil abandalhado,  
Se curva em arco de pipa  
A cada escarro atirado,  
Logo as honras participa  
—De disciplinado!

Eis a regra do a b c  
Da honra, que cá se ensina...  
Agora, diga você,  
Não dá vontade—e supina!—  
De limpar, não digo o quê  
A' disciplina?...

# O ARBITRO GUILHERME TELL



Era uma vez um homem, famoso atirador, que teve a habilidade de derrubar uma maçã, com uma flecha, da cabeça do filho, sem causar o menor dano ao sangue do seu sangue. Esse homem chamava-se Guilherme Tell, e tão ousada e tão apregoada foi a sua bravura, que logo outro homem, de nome Rossini, sobre este thema escreveu uma opera, que pelos seculos fóra tão mal cantada tem sido em o luso palcos de S. Carlos.

Ora quiz o Diabo que andando a gente lusa ás turras com o alarve de John Bull por causa de Lourenço Marques railway, que o mesmo John lhe quer roubar,

se accordou no seguinte:—que se levasse o menino Zé Povinho á presença de Guilherme; que sobre a cabeça de Zé se collocasse o pómo da discordia; que Guilherme disparasse a flecha; e que tudo se resolvesse por obra, graça, olho e pontaria do arbitro suíço.

Ora quer-nos parecer que Guilherme pela primeira vez vae errar a pontaria; e não só nos atravessa com 28:000 libras, mas ainda com mais 2 ou 3:000 contos —que é o que nos custa esse railway, obra do sr. Pinheiro Chagas, mais do sr. Serpa, mais do sr. Ressano Garcia, e d'outros politicos e patriotas sufficientemente indigenas e ingenuos.

Principalmente...ingenuos !...

Gustavo Bordini  
1911

## Cesar ou João Fernandes



Ninguém sabe o que se passou e o que se está passando em Africa; ninguém sabe porque é que Azevedo Coutinho se decidiu a marchar para o interior, e a applicar a Buchanam uma d'estas sovas que ninguém deixará de approvar, attendendo a que tudo é pouco, quando se trate de pôr em sangue os lombos de John Bull.

Mas quer a politica sertaneja que o governo, para continuar pela estrada das humilhações, chame ao destemido soldado um rebelde; e que a opposição lhe chame um heroe. Um para grangear a piedade de John Bull, a outra para ver se com cantigas populares se approxima do poder...

E assistimos a este facto curioso—que por um acto de valor e brio nacional, um homem recebe n'uma mão as palmatoadas do governo, e na outra os apertos fervorosos da opposição.

Mas o que ainda é mais curioso, é que nem o governo é sincero ou convicto no castigo que reclama para o rebelde, nem a opposição nos applausos com que acolhe o heroe.

Tudo politica, o que é o mesmo que dizer—tudo cantatas!...

Augusto Bordallo Pinheiro

Novos mandamentos do brio nacional, a fim de não alterar as boas relações diplomaticas com a nossa fiel alliada, a Inglaterra.



1.º mandamento— Aceitar sem protesto.



2.º mandamento— Agradecer humildemente tanta bondade.

REPHAL BORDALLO VIKHEIRO

Resultados praticos:—Portugal fica sendo para todo o sempre, uma loja de engraxadores humildes da Grã-Bretanha... E cara alegre por que o estrangeiro é forte!

## As grèves de Londres



Sob epigraphe de «A familia de John Bull no dia 7 de Julho, dá o jornal hollandez *Amsterdammer*, a caricatura que transcrevemos, e na qual o auctoritario patife bretão, arreganha o dente e mostra o punho, aos subalternos do seu serviço, como sejam, o telegraphista, o *horse's garde*, o policeman, o mineiro, o correio, etc. Até em sua propria casa, o miseravel John Bull opprime os fracos; e n'ella tambem, como fóra d'ella, os fracos lhe retrucam, rindo lhe nas barbas, e esperando tranquillamente o dia da desforra. Para os pequenos mesteres de Londres, a desforra começou a 7 de Julho. Quando começará a nossa?!